

Ministro da Economia anunciou um conjunto de medidas para incentivar o recurso das PME ao mercado de capitais. Álvaro Santos Pereira quer que as empresas reforcem os seus capitais próprios e reduzam dívida



de Lisboa considera que não há motivos para privatizações não passarem pela bolsa.

## Entrar na bolsa pode ajudar a sua empresa a emagrecer

A cotação em bolsa aumenta a pressão para profissionalizar a gestão

HUGO PAULA  
hugopaula@negocios.pt

Paulo Morgado acredita que a entrada de uma empresa para a bolsa pode levar a sua gestão a profissionalizar-se. O exercício da previsão, da responsabilização pelos resultados e da transparência têm um efeito benéfico na vida da empresa, aumentando a pressão para cumprir metas. Algo que o gestor considera existir por defeito nas vidas de muitas empresas portuguesas.

Na conferência Via Bolsa discutiu-se a cotação de empresas no mercado de capitais através da emissão de ações em mercados regulados como forma de reforçar os capitais próprios. "Quando falamos em injeção de capital, temos um pressuposto de que a gestão é capaz de transformar esses capitais em valor", afirmou. Contudo, o que se tem verificado é que muitas empresas não têm capacidade de financiar a sua actividade com recurso aos meios que geram. "Os gestores não estão acima de qualquer suspeita de incompetência" e para criar pressão no sentido de atingir objectivos, a admissão em bolsa pode ajudar, defende.

### Transparência cria pressão na organização

As empresas cotadas têm maior necessidade de transparência para satisfazer os requisitos de reporte e informação ao mercado. Os gestores são obrigados a anunciar as suas metas aos investidores e potenciais accionistas, da mesma forma que são obrigados a apresentar-lhes satisfações sobre o cumprimento das metas. Paulo Morgado é um gestor que gosta de pressão e acredita que, por ia da responsabilização da gestão, a admissão do capital em bolsa traz obrigações acrescidas de transparência para com o mercado, o que aporta pressão organizacional. "Vou ter de prestar contas e de ser transparente e isso impede-me de recorrer a atalhos para disfarçar falta de performance. Um exemplo pode ser o investimento demasiado avultado em fundo de maneo, que se reflec-



Paulo Morgado é CEO da Caggemini.

### Os gestores não estão acima de qualquer suspeita de incompetência.

PAULO MORGADO  
CEO da Caggemini

te numa facilitação das condições de venda através de um prazo excessivamente longo. Se calhar, eu não vendia tanto se tivesse um prazo de pagamento razoável", questiona.

Aprender a separar a gestão da posse é outra das lições que é aprendida no processo de entrada na bolsa. Nas empresas que não estão cotadas em bolsa, muitas vezes, não existe "segregação" entre a gestão e o capital, apontou o CEO da Caggemini. O objectivo da gestão é a criação de valor para o accionista e não, "agradar ao detentor do capital ao absurdo". E dá um exemplo: "Se fosse, o gestor ia com o detentor do capital ajudá-lo a escolher o iate, o que não contribui para a criação de valor".

Paulo Morgado termina fazendo um paralelo entre uma pessoa e uma empresa: para mudar pode ser necessário ser-se obrigado. Mesmo que seja para melhor. "Se alguém emagrecer vamos ter com ela e perguntamos se está tudo bem. Ouseja, só se perde peso se se for obrigado. Por querer, ninguém perde", ilustra.

capitais", garantiu Álvaro Santos Pereira. O ministro foi ainda mais longe e afirmou que "o Estado deve dar o exemplo e vai dar o exemplo".

Até ao momento as vendas de posições do Estado na EDP e de uma participação na REN foram realizadas fora do mercado, através de venda directa. Ainda assim, são várias as empresas que ainda fazem parte do plano de privatizações do Governo que, até ao momento, já rendeu 6,4 mil milhões de euros. Além da REN (11% do capital), o programa prevê ainda a alienação da TAP, dos CTT, da Empresa Geral do Fomento e ainda da CP Carga. Além destas, a CGD também vai vender os seguros, tendo sido posta a possibilidade de a operação passar pela bolsa.

### Empresas procuram alternativas na venda de dívida

O encarecimento do crédito e a sua escassez está a confrontar os empresários com a necessidade de diversificar fontes de financiamento e o mercado de capitais surge, cada vez mais, como uma alternativa. Armando Martins, líder da Fibeira, que detém o Atrium Saldanha, entre outros empreendimentos, admite estar a procurar alternativas de finan-

ciamento à banca.

"Estou a estudar um empréstimo obrigacionista", adiantou o presidente do grupo, ao Negócios, à margem da conferência. Para o empresário, a venda de dívida é a opção mais "interessante do ponto de vista futuro". Já em relação ao mercado accionista, Armando Martins adiantou que estudou essa opção há uns anos, mas acabou por recuar. "Obriga a muitas exigências", disse o empresário, acrescentando que "o negócio ainda não estava maduro e a banca estava a funcionar bem".

Embora a Fibeira não esteja a sentir dificuldades de financiamento, Armando Martins diz que também não tem procurado crédito bancário. "Os grandes investimentos estão suspensos", devido à crise. Ainda assim, o mesmo responsável diz que há sinais de melhoria. "A banca tem vindo a amaciar a agressividade", rematou.

Esta opinião não é, contudo, consensual. De acordo com o responsável de outra empresa, que pediu para não ser identificado, "a liquidez no mercado é reduzida". Por isso mesmo, o mesmo responsável considera que o mercado de capitais é uma solução.

### Com os estímulos certos, o recurso ao mercado de capitais pode ser uma realidade para mais empresas.

LUÍS LAGINHA DE SOUSA  
Presidente da Euronext Lisbon

### Não há razão para as privatizações não passarem, pelo menos parcialmente, pela bolsa.

LUÍS LAGINHA DE SOUSA  
Presidente da Euronext Lisbon